

ESP - 7/12/68

Título: TEORÍA DE LA LENGUA E HISTORIA DE LA LINGÜÍSTICA. Madrid, Ediciones Alcalá, 1967, 484 págs.

Autor: A. ~~Llorete~~ Llorente de Maldonado, professor em Granada, responsável pelo Atlas Lingüístico e Etnográfico da Andaluzia, em preparo.

Assunto: O presente volume -- o terceiro da excelente coleção "România" que a Alcalá em boa hora organizou, e em que já saíram títulos como "Lengua y Cultura", de Gerhard Rohlfs, "Lingüística Románica, evolución, corrientes, métodos" de Iorgu Iordan, e "Presentación de la Lingüística, de Bernard Pottier -- é a republicação de alguns trabalhos anteriores, acrescida de estudos novos. Compreende cinco partes: Os Princípios da Lingüística Geral de Hjelmslev, A Gramática Geral como ~~disciplina~~ disciplina acadêmica e como capítulo da Ciência da Linguagem, Morfologia e Sintaxe: o problema da divisão da Gramática, Linguagem, poesia e concepção do mundo, A Lingüística contemporânea nas suas duas primeiras etapas, 1928-1950, suas raízes saussurianas, sua complexidade e sua evolução. Uma extensa bibliografia finaliza o volume.

Apreciação: A crescente frequência com que saem à luz publicações destinadas a apontar e dar um balanço nas tendências, métodos e soluções da Lingüística atesta o enorme desenvolvimento que vem caracterizando essa disciplina nos últimos tempos. É impossível ao estudioso acompanhar o movimento editorial neste setor do conhecimento, donde a grande utilidade de trabalhos como o de Llorente Maldonado, destinados a traçar o "status questionis" e a fixar as linhas mestras da pesquisa atual.

O primeiro dos estudos reflete o largo conhecimento ~~em~~ ~~que~~ ~~tem~~ ~~o~~ ~~Autor~~ ~~de~~ ~~um~~ ~~dos~~ ~~mais~~ ~~discutidos~~ lingüistas contemporâneos, o dinamarquês Hjelmslev; estuda-se aqui a delimitação da Gramática, o conceito de forma e de função gramatical, a categoria gramatical, o sistema gramatical e as categorias funcionais.

Na segunda parte L. Maldonado historia o surgimento da Gramática Geral, concebida como um conjunto de características

gramaticais que têm de ocorrer necessariamente em todas as línguas. Esse conjunto foi depreendido do exame do grego e do latim. Ainda recentemente houve quem quisesse ressuscitar a Gramática Geral, adotando contudo uma solução de compromisso com a Linguística moderna: A. Séchehaye, W. Bröcker, Robles Dégado e V. Bröndal; essa Gramática Geral é racional, dedutiva, apriorística, e parte das categorias lógicas, psicológicas e até ontológicas.

Mas há uma nova Gramática Geral que cabe na Ciência da Linguagem, pois baseia-se nas categorias formais, lingüísticas, embora busque logo um paralelo com categorias de ordem superior. Versaram essa direção de estudos Humboldt, Pott, Meillet, Gray, Reichling, e sobretudo Hjelmslev. "Gramática Geral"; em conclusão, vale tanto quanto "Teoria Geral da Linguagem", "Lingüística", "Ciência da Linguagem" (p. 184). O que o A. não concluiu é que, por isso mesmo, e para evitar maiores confusões, seria de todo o ponto vantajoso diferenciar Lingüística ^{de} ~~Gramática~~ Gramática (entendendo esta ~~última~~ última simplesmente como disciplina de caráter prático, voltada para a fixação do uso correto), desterrando o termo Gramática Geral.

O trabalho de maior interesse desta coletânea é, sem dúvida, o ricamente informativo "Morfologia e Sintaxe", publicado originalmente 1955, pela Universidade de Granada. Neste vasto relatório de 155 págs., após referir os níveis da análise lingüística (sons, palavras e construções de palavras), o A. começa por mostrar que é falsa a distinção tradicional entre Morfologia (estudo das formas) e Sintaxe (estudo das construções e dos valores), pois também a Sintaxe se ocupa das formas quando analisa a estrutura das construções. História a seguir a tradição formada à volta dessas duas disciplinas, principiando pelos gregos e latinos. Durante algum tempo a Lingüística Comparativa só tratou da Fonética e da Morfologia; foi Delbrück quem, seguindo os passos de ~~Diez~~ Diez, iniciou o estudo da Sintaxe, associando-se em 1897 a Brugmann

em sua monumental "Gramática Comparada das Línguas Indo-Européias". Até aqui, entendia-se por Morfologia o estudo da forma das palavras e por Sintaxe o estudo das formas das construções.

Foi para destacar vivamente forma de valor que Miklosisch, Noreen e Sweet conceberam a Morfologia como o estudo das formas e a Sintaxe como o das significações, iniciativa praticamente condenada por Saussure quando defendeu a tese da indissociabilidade da forma e da função.

Uma nova iniciativa com reflexos neste campo foi tomada por J. Ries, em 1894, que distinguiu no estudo da língua a Fonética, o Tratado das Palavras (= estudo das formas das palavras e de seu significado gramatical) e a Sintaxe, entendida como uma teoria das uniões das palavras ou uniões sintáticas; tal estudo deveria tomar duas direções, segundo examinasse a forma ou a função das uniões sintáticas.

Dados êsses desacordos, resolveu-se incluir no temário do VI Congresso Internacional de Lingüistas (Paris, 1948) uma secção relativa à conceituação de Morfologia e Sintaxe. A extrema variedade de pontos de vista então patenteada é cuidadosamente resenhada pelo A. (págs. 299-351); à pergunta então formulada: "existe uma Morfologia e uma Sintaxe dentro da Gramática?" responderam não Bonfante, Guthne, Frei, Buyssens, Kurylowicz, Larochette, Pulgram, Pisani e Holt. Responderam sim os que se baseiam no dualismo palavra / frase (Groot, Reichling, Trnka, Cohen, Cantineau) ou na oposição forma/significação (Bonnard, Havránek). Perguntados sobre os limites entre a Morfologia e a Sintaxe, responderam que alguns casos litótrofos (como os substantivos compostos) dificultam a fixação das áreas; em geral só chegaram a um acôrdo nisto que não se sabe onde termina a palavra e onde começa o sintagma.

Acredita L. Maldonado, pág. 343, que a melhor contribuição do Congresso de Paris foi a de ter levado os estudiosos a se compenetrarem de que as divisões da Gramática, assim as tradicionais como as recentemente propostas, são artificiosas e só encontram razão na necessidade de um método de análise, aplicado a um organismo unitário e indissolúvel como é a língua.

No último dos estudos que aqui comentaremos, "A Lingüística Contemporânea em suas primeiras etapas, 1928-1950", o A. verbera os excessos da Lingüística Histórica, que isolava os fatos da língua, estudando-os como se não constituíssem partes de um todo, bem como os da Lingüística Descritiva, afirmando que Saussure errou quando distinguiu muito nitidamente sincronia de diacronia; sabemos hoje que "o caráter sistemático da língua se manifesta também nas mudanças", idéia que os fonólogos comprovaram (pág. 407). Já tivemos ocasião de abordar essa "terceira posição", situada entre a descrição e a história, em nosso artigo "Estruturalismo, História e Aspecto Verbal", Alfa 4 (setembro de 1963).

Da reação contra as dicotomias saussurianas nasceu toda a Lingüística Contemporânea, cujas conclusões e direções podem ser assim resumidas: 1) a história da língua é a evolução de um estado sincrônico para outro; 2) a história da língua deve ser necessariamente relacionada com a história política, cultural e social de um povo, ponto de vista defendido notadamente por Wartburg; o desconhecimento desse contexto deu como resultado os estudos de Glossemática de Hjelmslev e os trabalhos da Escola Mecanicista ~~na~~ Americana, de que decorrem as posturas logicizantes de Carnap, algebrizantes de Chomsky e a Lingüística Simbólica de Bloch-Trager; 3) desenvolvimento da Lingüística Geral (produto e ponto de chegada a um tempo da Lingüística Histórica e da Lingüística Descritiva) que "aspira contemporaneamente a estabelecer leis ou normas, fórmulas ou tendências que simbolizem e resumam o funcionamento e a evolução da língua" (pág. 423).

Ataliba T. de Castilho